

Arterite de Tokayasu: o imemorial em *As visitas do Dr. Valdez*, de João Paulo Borges Coelho*

Luiz Cláudio Luciano França Gonçalves**

RESUMO

Este ensaio tem como finalidade propor uma leitura de *As visitas do Dr. Valdez*, de João Paulo Borges Coelho, orientada pelo trânsito pessoalidade-impessoalidade da memória como categoria narrativa que interfere na obra enquanto realidade imponderável e revolucionária.

Palavras-chave: Memória; Pessoalidade; Impessoalidade.

· É preciso termos nascido para o nosso médico, senão pereceremos por causa dele.
(NIETZSCHE, 2002, p. 63)

De uma chegada e de uma partida. Desses dois elementos correlatos é composta a densa e afetiva narrativa de João Paulo Borges Coelho, *As visitas do Dr. Valdez* (2004).¹ São quatro as visitas, quatro momentos episódicos distintos e comunicáveis, erguidos sobre a facticidade accidental do dado principal de rodo o texto: a memória. Desnecessário enumerar os elementos que cada visita apresenta no nível do enunciado, uma vez que representam quatro ocorrências de

- Trabalho final apresentado à disciplina "Projetos literários na África de língua portuguesa", ministrada pela Profa. Maria Nazareth Soares Fonseca, no primeiro semestre de 2005, por ocasião do curso de Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas.

· Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas.

¹ Todas as citações de *As visitas do Dr. Valdez* se referem à edição de 2004 e serão indicadas a partir de agora apenas pelo número da página.

uma mesma interferência semântica. Como nos concede Coelho (2004), histórias dentro de uma mesma história. A faculdade da memória é aqui um fenômeno flutuante, uma personagem que, não obstante seu afastamento do domínio linear, percorre o tecido narrativo com uma força orgânica irrevogável e quase transparente.

O objetivo deste ensaio é propor uma leitura de *As visitas do Dr. Valdez* sustentada pela transitoriedade de uma (ou de múltiplas) memória(s) em curso, a partir da(s) qual(uais) é composto o tecido da narrativa. Assim, coloca-se em causa um jogo de enunciados e enunciações cujas regras são o anacronismo e a retroação, ou seja, a própria literariedade. Na leitura proposta, a trajetória da memória é orientada por três estruturas principais, que se articulam permanentemente: a) pelo medo e pela insanidade das recordações desarticuladas e noturnas de Amélia; b) por Caetana, a um só tempo vítima e algoz dos caprichos autoritários impostos a seu passado; e c) pela impropriedade de Vicente em relação à sua fugidia história impessoal.

Tendo em vista o propósito deste trabalho e a ausência de bibliografia crítica sobre o texto de Borges Coelho, destaco que há aqui tão somente a intenção de fornecer alguns poucos elementos para uma das possíveis leituras da obra em questão. Caso esse propósito se cumpra ao menos minimamente, esta pesquisa já terá atingido seu objetivo.

MEMÓRIA E DESARTICULAÇÃO: O TERRITÓRIO DO DESCOMPASSO

Sob a gestão da memória (ou sob sua ingerência), *As visitas do Dr. Valdez* é uma obra que se dá no território instável do provisório, sendo em tudo transitória, precipitada, fugidia: onde se lê "memória", entenda-se "memórias". Esse caráter fluido e tênue é construído pelas vicissitudes, pelos caprichos e pelos interesses das recordações e ficções das personagens. Os dois extremos da narrativa – partida e chegada – apontam para a estranheza diante de uma "terra nova" e para

as lembranças ambíguas de uma "terra velha". Contudo, o tratamento dado à memória enquanto fio condutor não presentifica a chamada "terra nova" nem confere à "terra velha" a condição de um lugar remoto ou de um passado cristalizado. Antes, torna a relação temporal um processo de entrelaçamento, no qual passados, presentes e futuros possuem contornos pouco nítidos.

Desde o primeiro momento, a estranheza e a desconfiança testemunhadas por um único olhar tripartido (Amélia, Caetana e Vicente) recolhem as lembranças e armazenam novos mistérios. Já o denunciavam as divagações iniciais do narrador, atribuídas aos três emigrantes que fogem de uma miséria rumo a outra:

Olhavam a cidade com desconfiança. Que diferença da serenidade da maré vazia do Ibo, com os seus ecos cristalinos; ou do coqueiral infinito do Mucojo, com a sua penumbra e os seus mistérios! Olhavam o emaranhado de ruas sem direção e fugia-lhes a vontade de dar um passo, com medo de se perderem. (p. 19)

Recorrendo a um salto na leitura, pode-se verificar na voz de Caetana, num momento terminal, a retroação da mesma perturbação, da inquirição dispersa de quem se sente estrangeira em si mesma, à maneira de uma reflexão apoiada numa (des)iruação de eXllo: "O Grande Hotel povoado de almas penadas, a Praça da Índia, o hospital, o Estoril – o mesmo percurso virado do avesso, a caminho do aeroporto. Não levaria saudades não fosse o caso de aqui deixar a irmã. De aqui deixar Vicente" (p. 218).

Sá Caetana chega ao seu destino acompanhada pela irmã Amélia e pelo criado de ambas, Vicente. Mas sua partida é solitária. Entre esses dois pontos extremos, a rede das lembranças e dos abandonos sugere a desarticulação entre, por um lado, a memória compartilhada e, por outro, sua confusa dimensão particular.

Insufladas pela loucura, as divagações de Sá Amélia travam, por sua vez, uma peculiar batalha interior, pela amargura das perdas e pela cegueira progressiva que lhe mitiga o já escasso depósito das imagens, que funcionam como a vigília de um *coro* ao longo de boa parte

da narrativa. Os poucos prazeres proporcionados pelo major Ernesto não são recordados confusamente e com saudade. Mas Amélia não é uma desistente. É obstinada e, em sua obstinação, sente medo.

O medo de Sá Amélia é sua ligação com a vida: medo do avião, do rumor das novidades, dos fantasmas recordados que surgem em fantasias de presente, das modificações espetaculares das formas e das sombras de seus escuros pesadelos. Ela é a eterna Meméia, de cujo peito saltam as libras inglesas e as memórias inadvertidas; a Senhora menor, eternamente acolhida, perseguida, confusamente invejada e preservada pela irmã Caetana – esta menos eterna por se agarrar às franjas do tempo.

Sá Caetana está também surpresa diante da terra nova do sul. Contudo, sua surpresa não tem o mesmo caráter da de Sá Amélia. Enquanto esta se interroga perante a própria vida, Caetaninha não se admira senão pela impropriedade, pela impessoalidade do emaranhado das ruas e não compreende as ausências que verifica: ausência dos laços entre as pessoas, ausência da censura e da "verticalidade solidária" de seu passado – "As pessoas circulam sem que se saiba a quem pertencem" (p. 20).

Sá Caetana constatava mas não aceitava aquele anonimato da impropriedade; daí seu sobressalto. Do sobressalto tecia ela os fios da memória, temendo a fragilidade do mundo em que tentava se equilibrar. Sá Caetana tecia o que o tempo já levava, exasperava-se na tentativa de repetir a segurança transitória obtida em companhia de Araújo. E a tudo isso somava-se a angústia da tarefa de cuidar da irmã, com a qual sempre manteve uma ambígua relação.

Criado de ambas, Vicente carrega consigo as memórias de uma Amélia que jamais existiu, além do poderoso mistério temporal das vicissitudes de seu pai Cosme, outro criado, de dentro, próximo demais de Caetana, tão próximo quanto dentro dela. Vicente descobre logo o que Caetana já sabia desde que sua irmã quase se afogara: "[...] que as palavras têm a ver com as coisas que querem significar" (p. 78).

Pelas palavras, o criado constrói a miragem memorial da patroa

mais velha – Amélia – na pele do estimado Dr. Valdez. Vicente "sabe que por detrás da loucura da doença e da idade ela é capaz de usar da lembrança para cobrar o que lhe devem com a mesma facilidade com que recorre ao esquecimento para se isentar de responsabilidades" (p. 37).

Surpreendido num mundo de fragmentos dispersos, o criado constata os recortes esparsos de um ambiente em desagregação:

Vicente gaguejou, tentando começar sua história de duas ou três maneiras diferentes. Como traduzir para eles o mundo de Sá Amélia que ele entendia tão bem, mas não conseguia explicar? Um mundo de mortos que visitam vivos, de vivos doentes que precisam da atenção dos mortos. (p. 79)

É nesse contexto que surge a primeira visita do estimado Dr. Valdez.

A adesão de Vicente ao jogo, inventado inicialmente para conter as insubordinações de uma Amélia quase invisível, consiste na aceitação de um novo *status* mas não apenas nisso. Vicente não tem, a rigor, uma história: seu passado é que a tem. Seu passado é o de seu pai, Cosme, e de seu avô, o criado-marinheiro. A servidão era um aprendizado, uma arte, uma linha entrecortada cujas pontas desapareceram. O *ishima*² era (é) sua história. Nessa existência impessoal, Vicente não se inibe com a possibilidade de não ser apenas o criado de um par de irmãs cuja personalidade é discutível. Vicente não queria mais, mas agora quer. Quer ser o passado positivo de Meméia, a Senhora Pequena. O criado –deslumbrado pela possibilidade de um passado pessoal de que nunca dispôs, passado único e invulgar, ainda que evanescente – quer ser o Dr. Valdez, o médico dedicado cujo corpo sem certidão de óbito precisa ser repetido, recuperado, inventado, celebrado enquanto "rito". O médico terá então uma nova vida, a primeira, numa nova terra. Vicente seria uma visita do passado.

² Segundo observação da Prof.^a Maria Nazareth Soares Fonseca, "ishima" é uma expressão que pode ser traduzida, em língua portuguesa, por "respeito", conservado, dentro dos múltiplos sentidos que admite, o devido contexto histórico-social em que aqui é empregada.

Explorando o caráter celular de todo um universo de prescrições e concessões, Borges Coelho apresenta, por meio da complexa relação entre as irmãs e o criado, todas as fraturas de um mundo insustentável, marcado pela desterritorialização de um poder instituído pelo passado, mas que se surpreende enfraquecido, mesmo antes da intrusão determinante desse elemento corrosivo, dessa perturbação aceite que adquire agência pela figura recuperada do Dr. Valdez.

A memória de Vicente, que lhe permite a descoberta e a invenção do personagem, não data da viagem inaugural da chegada ao sul: sua memória não é sua, mas tem uma origem tão impessoal quanto atemporal. Os gritos roucos de seu pai sob o castigo de Araújo-seu patrão e marido de Sá Caetana-são a legenda dessa memória. Vicente imagina a transgressão de Cosme, que não resistiu, por sua vez, às próprias recordações de infância. Cosme quis ser criança de novo, quis alimentar ele mesmo suas supostas lembranças e sentou seu corpo de bicho para provar do açúcar do patrão:

"Só mais um pouquinho e ponho-me daqui pra fora". Só mais um pouquinho e é como se nada tivesse acontecido. Depois deixo de ser criança, torno-me adulto outra vez. Depois deixo de ser ladrão e volto a embrulhar-me na casca do velho Cosme Paulino obediente e confiável. (p. 63)

Mas o patrão sentiu estranheza, porque não sabia das recordações de Cosme. Imaginou na penumbra que fosse um bicho sem lembranças. Era um ladrão. Era um bicho. Cosme arrastado por seus iguais, espancado pública e exemplarmente. O velho Cosme maculara a mercadoria, transgredira seus densos limites e, sobretudo, desafiara a autoridade de Araújo.

Vicente vendo e registrando tudo. É essa sua memória que convence o respeitável Dr. Valdez a não tomar no chá o mesmo açúcar que Araújo enterrara na boca escancarada de seu pai, Cosme Paulino, em porções doces de ódio farto. Não era açúcar o que queria Cosme? Pois ele o teria. O amargo que há em cada doce. Valdez agradece mas recusa, mesmo sabendo que por ali o chá não era servido sem uma colher-

nha ou duas de açúcar. Hábitos de infância. Hábitos da história e da memória.

Como Cosme Paulino, trapo velho e escuro, inanimado, que as mulheres vão embalando, pelo seu rosto passando panos molhados para que ele possa regressar à vida.

Vicente também ajuda, o riso de há pouco transformado em funda seriedade. Crescendo e compreendendo, à medida que seu pai Cosme Paulino se tornava mais pequeno e vulnerável. (p. 68)

Vicente ajuda a carregar o velho trapo escuro que é seu pai e absorve dele a vitalidade que conduz e repara a espessa linha da história pessoal.

Olhando para fora de si e de seu passado, Vicente contamina-se da dignidade de Valdez – de resto inventada – que, por mais que seja doutor, é mais que isso: é um sulco profundo e poderoso na memória de Sá Amélia. Mas esta não é capaz de olhar para fora, imersa na escuridão de seu mundo decomposto. Vicente decreta, corajoso: arterite de Tokayasu. É o reino da suposta alteridade desarticulada, doente, cujos sintomas se perdem no breu de um passado suspeito: "Ela vai acabar cega. E quem não consegue olhar para fora fica só a olhar para dentro. É então que começamos a reparar nos fantasmas que temos dentro de nós, muitas vezes sem o saber. Nós, os médicos, chamamos a essa doença a arterite de Tokayasu" (p. 76).

Quando Cosme morreu, fulminado pelo golpe infalível do respeito, a história de Vicente não se interrompeu. Ao contrário, ganhou mais força. Foi apenas mais um corte. A ele foi reservado saber só mais tarde da derradeira morte do pai, só quando já eram tênues os grillhões que o ligavam à sua própria memória. Mas o mesmo *ishima* do pai ganhava força em Vicente, e este já o sentia, à distância, já no sul, quando os combatentes libertários chegavam à Casa Pequena, no norte. Depois chegaram lá também os portugueses. Cosme apanharia de novo, e essa seria outra de suas mortes, dessa vez aquela última. Ansiosos pela verdade inexistente, os portugueses exasperados não pouparam o velho Cosme, que enfim não mais se interessava por tudo

aquilo. Deixava-se morrer, na liberdade de seu desinteresse terminal. Quanto à velha Senhora Caetaninha, a morte de Cosme rompeu o último laço que a ligava a um passado nebuloso, cinza. Era Cosme mesmo esse passado.

A comutação Valdez-Vicente/Nicente-Valdez: rosto e verso de uma mesma superfície que não oculta coisa. As fronteiras entre um e outro tornam-se algo embaçadas, e Sá Caetana não quer mais nenhum dos dois. São ambos concessões, presentificações de algo ao mesmo tempo prescindível e insuportável, e por isso imponderável. Na segunda visita, Caetana é constrangida por suas próprias memórias, despejada pela boca do Doutor:

Talvez tenha sido por isso que eu, Valdez, devotava tanta simpatia à sua irmã, se quer saber. E a senhora devia sabê-lo melhor do que ninguém uma vez que o seu pai também acabou ele próprio por se esfumar diante das balas dos ingleses. A senhora deveria sabê-lo embora tenha tido um pouco mais de tempo do que Amélia e Vicente, coitados, para gozar da presença do seu pai. (p. 116)

Vicente quer saber o que é riqueza. Faz o Dr. Valdez perguntar por ela e por todo o passado obscuro soterrado por Sá Caetana. Riqueza é poder? Ser rico é ser o senhor de seu passado e de suas invenções? Vicente não transgride limites, pois não há mais limites. Ele é o falso Valdez, é o filho de Cosme, é Vicente, é companheiro de Jeremias e Sabonete, é o homem que se serve de Maria Camba. É homem para brigar com Jeremias, enquanto portugueses e nacionalistas iniciam conversações tão falsas quanto o Doutor. Mas Vicente é também criado de Caetana, a quem agradece por resgatá-lo, lembrando-o de seu pai. Assim seguia Caetana em sua sisifista tarefa de inventariar o passado quando lhe aprouvesse e sepultá-lo quando necessário. O passado de Caetaninha é uma caixa de recortes depositos, reordenados, deslocados, admitidos. Seu comportamento seletivo só descansa nos momentos em que sua orfandade remota se transmuta nos segredos memoriais de Vicente, que ela impiedosa e ingenuamente cuida de revelar em doses programadas.

Mas Vicente quer saber mais sobre sua memória, quer que Caetana saiba que ele sabe e saberá. Cada vez mais. O criado, que setornava ousado pela autoridade da alteridade, quer saber mais sobre o pai e pede a intervenção de Valdez. O Doutor descobre que perguntar sobre Cosme é perguntar sobre Vicente. Nesse momento, Vicente não tem escolha senão calar Valdez. O médico, que nunca teve voz, é contido pelo criado que não sabe das perguntas certas. Vicente precisa perguntar a si mesmo e assim o faz.

Vai-te, Dr. Valdez. Desenterrei-te de um buraco qualquer de onde não esperavas sair nunca mais. Tirei-te do esquecimento, trouxe-te para a cidade a visitar velhas amigas. Arejei-te as roupas, cofiei-te os bigodes, aqueci-te a alma.[...] Para receber o quê em troca? (p. 164)

O criado revela-se: esconde-se. Mas os olhos de Sá Amélia já não são de Meméia, e são inúteis os esforços de Vicente para alimentar a memória da Senhora Pequena. Amélia já sabia há muito que "acompanhando o declínio do mundo vinha o declínio do corpo" (p. 70).

Ele e Caetana, a eterna Senhora Grande, sentem que algo maior do que ela está por vir: a morte de Amélia. A falsa cumplicidade que nasce entre ambos – Vicente e Caetana – só encontra ligação no delírio infértil de Amélia, que já não pode esperar por nada, já que esperava por Valdez e este nunca veio. A Senhora Pequena percorria um caminho de decrepitude que a deixava cada vez mais íntima da doença. Nesse caminho descendente, o medo que antes lhe assaltava e roubava-lhe a segurança foi mais rebelde e fugiu, deixando em seu lugar uma indiferença sepulcral e infalivelmente escura:

[...]a indiferença verdadeira, aquela que só existe quando nada ficou para defender, apenas um alheamento pelo desfecho. Uma indiferença vedada ao raciocínio, inatingível pela compreensão, de quem come fruta como se mastigasse palha, maquinalmente. De quem deixou de sofrer porque olha a dor e não a reconhece. (p. 73)

Na morte seguinte de Sá Amélia – esta, a definitiva – Sá Caetana

pergunta pelos restos esparsos de suas memórias: "O que sobra disto tudo, rapaz? O que sobra de uma vida?" (p. 212).

Mas Vicente não precisa de perguntas: estas ele já as tem todas, e pergunta sobre o que fazer com elas. Perguntá-lo-ia, ainda que estivesse já distante como seu pai, o velho e fiel Cosme. Seu pai, que esteve longe pela primeira vez quando a memória do filho conduziu u ambos ao palco público do castigo imposto por Araújo e que esteve ainda mais distante quando lhe foram interditas as cartas feitas para nutrir a memória da Senhora Grande. Sua mãe. Distante ainda esteve seu pai, definitivamente, quando jazia estendido, num tre jeito desrespeitoso que não era dele. Vicente é em tudo uma memória em conflito, porque esta não foi por ele adquirida. Pelo contrário, parte delá nasce com ele como uma praga hereditária, e outra parte é a ele simplesmente permitida.

Vicente, o criado sem passado, é o homem que conta com a cumplicidade do tempo para refletir seus grilhões e o faz. Uma visada sintética sobre esse elemento nos conduz à sua relação com as demais personagens da obra de Borges Coelho (2004). Afinal, qual havia sido o passado de Sá Amélia? Uma Iara de bolachas inglesas cujo conteúdo era exam inado dolorosamente na escuridão, provocando, quando muito, um quase-sorriso. Qual havia sido o passado ele Sá Caetana? Tudo o que ela não fez com sua vida, que não lhe pertencia, e que o tempo se encarregava de documentar diante do espelho: a beleza perdida da juventude, a boneca pálida de porcelana inglesa, o ténue fio conservado pela correspondência de Cosme, aquele criado que, como todo o resto, não lhe pertencia.

A narrativa de *As visitas do Dr. Valdez* é uma composição textual que tem como recurso o exercício de decomposição. No tecido desse processo, que se dá num enunciado flutuante no tempo, a memória parece ocupar lugar central. Contudo, nota-se que Vicente, personagem representativo e principal condutor dessa estrutura, apresenta uma dimensão desarticulada daquela mesma memória, a ponto mesmo de recusá-la. "O que sobra disto tudo, rapaz?" (p. 212) é pergunta

inútil, pois "o que sobra" é algo vazio de sentido para Vicente. Ele ouve a questão de Sá Cacrana e sabe pouco: sabe que o que sobra de uma vida são fragmentos i memoriais, mas não quer responder. É suficiente que ele saiba. Talvez o criado já não se sinta mais uma presa de seu próprio passado, talvez fosse melhor reconsiderar a oferta generosa de Sá Caetana: "Já pensaste no que será de ti quando cu partir? [...] Onde irás morar, o que irás fazer da tua vida, rapaz. [...] Queres voltar para a terra? [...] Se quiseres fazê-lo ofereço-te o coqueiral, as casas Grande e Pequena, tudo o que lá tenho e de que não mais precisarei" (p. 216).

A Senhora Grande, sempre há muito tempo de partida, oferece a Vicente seu passado, o passado dele. Mas este ele não quer mais. Seria excessivo. Não será permitido à consciência da Senhora seu injusto descanso, mas não é por vingança que o criado o recusa. Vicente já se fartou de seu passado e prefere uma miséria futura a uma miséria memorial, ainda que não o declare. Prefere que tudo aconteça com precipitação, com imponderabilidade, mas não o revela. Vicente, que ainda é leal, prefere a mudança que acontece ao seu redor ao "nada mais" de uma memória corrompida pelo silêncio, pelo rompimento, atravessada pelos gritos do velho Cosme. Tudo isso porque, não obstante sua história interrompida, interdita e desrticulada, pertence ao vigor de um mundo novo. Caetana parece entender: "Como queiras. Tu é que sabes" (p. 217).

É a profecia terminal da Senhora Grande, que carrega o peso de uma advertência. O que ela não sabe é que talvez Vicente de fato encontre, na fresta aberta da memória, algum resíduo do que soube.

ABSTRACT

This essay aims at reading João Paulo Borges Coelho's *As visitas do Dr. Valdez*, analysis leaded by the traffic between the impersonality and personality of the memory as narrative category, revolutionary and imponderable reality that interferes at the work composition.

Key words: Memory; Personality; Impersonality.

Referências

COELHO, João Paulo Borges. *As visitas do Dr. Valdez*. Maputo: Ndjira, 2004.

DEALTRY, Giovanna Ferreira. Memória e esquecimento como formas de construção do imaginário da nação. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral (Org.). *Identities: recortes interdisciplinares*. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 189-200.

NIETZSCHE, Friedrich *W*. *Humano, demasiado humano*. Tradução Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

